

O diário de Rutka – infância, vestígios, lembranças

Fernanda Coutinho
Jacques Fux

Submetido em 03 de outubro de 2013.

Aceito para publicação em 09 de novembro de 2013.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 47, dezembro de 2013. p.218 - 230.

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
- (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
- (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
- (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>
Segunda-feira, 23 de dezembro de 2013
23:59:59

O DIÁRIO DE RUTKA¹ – INFÂNCIA, VESTÍGIOS, LEMBRANÇAS

Fernanda Coutinho *

Jacques Fux **

Resumo: Este trabalho busca discutir a literatura como um espaço da lembrança, espaço em que vestígios de tempos passados, resíduos, rastros e testemunhos memoriais corporificam-se, através das palavras, criando um diálogo potencial com a História. Tendo em vista a problematização proposta, partimos da hipótese de que, da tensão criada entre o vivido e o narrado, origina-se outra tensão, a qual se pauta na negociação entre os discursos da Literatura e o da História. Pretendemos, portanto, verificar de que maneira essas duas instâncias de percepção do mundo podem, a partir do relato de guerra do diário de uma adolescente, entrar em colaboração, para desvelar o real ou o verossímil de acontecimentos marcados pela barbárie e a forma como chegaram às gerações seguintes.

Palavras-Chave: Rutka Laskier; Diário; Desejo; Polônia; Shoah.

1. Que idade tem o diário de uma adolescente?

*No fim há de ver que as coisas mais leves
são as únicas que o vento não conseguiu levar.*

Mário Quintana

We, the victims, show you our fate. Look at us, remember us, save us!
William Vollman⁴

Em meio às perseguições nazistas, vivendo presa em um gueto onde se convive cotidianamente com a morte, com o desaparecimento e com as doenças, Rutka Laskier, atenta a todas essas circunstâncias de dor, encontra tempo para se preocupar com o

¹ Rutka Laskier escreveu seu diário aos 14 anos, morando no gueto de Bedzin, enquanto aguardava a deportação para um campo de concentração em 1943. Desconhecido por 63 anos, *O diário de Rutka* foi revelado em 2006. Sua amiga e guardiã, Stanisłwa Sapinska, recuperou-o no esconderijo da casa de Rutka, sob o piso da escada, pouco depois dela ter sido levada para Auschwitz. Aos 80 anos, morando em Nova York, Sapinska, em comum acordo com os parentes da amiga, entregou os originais escondidos ao Museu do Holocausto, que atestou a veracidade da história e publicou em forma de diário.

* Doutora em Teoria da Literatura, UFPE, 2004, Professora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará – UFC. Publicou, entre outros: *Imagens da infância em Graciliano Ramos e Antoine de Saint-Exupéry*, Fortaleza: Editora do Banco do Nordeste do Brasil, 2012, *Imagens da Infância na Literatura*, Rio de Janeiro: Makunafima, 2012. Rua Leonardo Mota, 1080/501. Aldeota. Fortaleza – Ceará. Cep: 60170-140. Email: fmacout@terra.com.br.

** Visiting Scholar – Harvard University. Pós-doutorando em Teoria Literária – Unicamp. Doutor em Literatura Comparada - UFMG e *Docteur en Langue, Littérature et Civilisation Françaises - Université Charles-de-Gaulle*, Lille 3. Bolsista FAPESP. Publicou os livros: *Literatura e Matemática: Jorge Luis Borges, Georges Perec e o OULIPO*, Belo Horizonte: Editora Tradição Planalto, 2011 e *Antiterapias*, Belo Horizonte: Editora Scriptum, 2012. E-mail: jacfux@gmail.com. Rua Donato da Fonseca 810/101. Cidade Jardim. Cep: 30380-260. BH/MG.

⁴ Fazendo referência ao fotógrafo que registrou o momento único onde os *Sonderkommando* facilitavam a entrada de seus colegas prisioneiros nas câmaras de gás e ainda ‘limpavam’ os corpos das vítimas já mortas. A referência completa a essas fotos encontra-se no livro de Didi Huberman *Images in Spite of All*.

desejo de viver o amor e a sexualidade. Humana, demasiadamente humana, Rutka mostra todas as facetas de alguém cujo perímetro de vida traçado pelas marcas do ódio e da morte é refeito pela plenitude da existência recomposta pela sutil medida do instante.

Algo se partiu em mim. Quando passo ao lado de um alemão, fico completamente tensa, não sei se de medo ou de ódio. Fico com vontade de atacá-los, atormentar suas mulheres e filhos, que açulam contra nós os seus cãezinhos de salão. Bater neles e enforcá-los com força, cada vez com mais força... Quando é que, finalmente, chegará o dia do qual falou Nica... Isto é uma coisa, mas agora há uma outra. Desconfio que despertou em mim a mulher. O que eu quero dizer é que ontem, quando eu estava deitada na banheira e a água acariciava meu corpo, ansiei por ser acariciada pelas mãos de alguém... Não sei o que foi aquilo, nunca senti nada parecido antes... Hoje estive com Micka. Não sei como seus amantes fazem para que ela não queira se separar deles. Todos estão tão deslumbrados com ela, achando que todos os garotos devem ser apaixonados por ela; naturalmente eu faço crítica a isso com Janek; sendo que Janek tem nojo dela (não sei por quê). Parece que Janek gosta muito de mim, mas, para mim, ele nem fede nem cheira! (LASKIER, 2008, p.27-28.)

Nesse parágrafo, talvez um breve *brainstorm*, produzido por uma adolescente já demasiado adulta, Rutka revela-nos muitas sensações e um pouco da história do gueto de Bedzin. Em sua composição, canal aberto para um exercício de ódio diante dos carrascos e perpetradores alemães, que os tratavam como cães e ratos, Rutka, talvez, inicialmente, faça referência a ações de jovens que culminaram com o levante do gueto de Varsóvia. Filha de Yaacov Laskier, membro do grupo sionista Dror, formado por jovens que pregavam a rebelião armada e que de fato a fizeram posteriormente, sob a liderança de Mordechai Anielewicz, mostra-se ela uma menina muito alerta e consciente do destino da população judaica de Bedzin: as câmaras de gás. A história desse lugar terrificante e o extermínio dos judeus são narrados, em um relato permeado de impressões e sentimentos da própria autora: o escutar a voz do corpo, acordes dissonantes marcando o despertar de sua sexualidade, o desejo pelo desejo do outro e o nascimento (ou invenção) do que talvez seja sua primeira paixão.

Rutka compõe um grupo de crianças e adolescentes, as meninas da guerra, grupo que instila no pensamento e na emoção das pessoas uma terrível perturbação, de intensa dramaticidade: a que limites pode chegar a brutalidade humana face a seus próprios semelhantes?

A pesquisadora Susan Suleiman vem estudando essa geração de crianças e a natureza das memórias que produzem e a divide da seguinte forma:

In my previous work on the “1.5 generation”, I proposed three categories according to age: those “too young to remember” the war (infancy to around 3 years old), those “old enough to remember but too young to understand” (age 4 through 10) and those “old enough to understand but too young to be responsible” (age 11 through 14 or a little older). (SULEIMAN, 2012, p.4)

De acordo com a tipologia esboçada por Susan Suleiman, no tocante aos liames entre idade infantil e memória de acontecimentos dolorosos, Rutka estaria situada no terceiro estrato: o das crianças capazes de entender, embora muito jovens para ter alguma responsabilidade pelos fatos, traduzindo-se aí o entendimento como uma operação de fundo meramente racional. As anotações de Rutka Laskier – não mais que vinte e sete páginas na edição brasileira do livro – estenderam-se de 19 de janeiro de 1943 a 11 de agosto do mesmo ano. Não chegaram a completar sete meses. Sabemos

que o diário, apesar da denominação, dificilmente referenda uma disciplina escritural que aponte estritamente para o dia a dia, evoluindo esse tipo de texto, o mais das vezes, quer o assinado por adultos, quer por crianças, de modo lacunar e assistemático. Com Rutka não seria diferente, percebendo-se em seus apontamentos uma fluidez quanto às estratégias de construção – periodicidade, dimensão dos feixes confessionais, saltos para o leitor, na forma de páginas arrancadas –, em função do caráter agônico do que é revelado. Por outro lado, a autora experimenta a dificuldade de despartar-se de seu “eu” verificando que, mesmo o diário, como texto-divã, impõe bloqueios a quem o escreve: “Não compreendo por que não consigo contar meus segredos a ninguém, nem mesmo a esse caderno. Esse negócio de se auto-analisar é muito difícil”, resume a menina, de modo objetivo. (LASKIER, 2008, p.38) O difícil enfrentamento do outro, dos vários outros que coabitam no si mesmo. Mesmo assim, esse testemunho de adolescente traz como marca o desnudamento, o enxergar-se presa de sensações inauditas quanto à própria feminilidade e o destemor em confessá-lo.

Estudando o texto autobiográfico, linhagem em que se inscreve o gênero diário, Jacques Lecarme e Tabone, Eliane Tabone comentam:

Le corps est le grand absent des autobiographies, peut-être, cependant, est-il plus présent dans les autobiographies des femmes. Toutes les femmes mentionnent les aventures spécifiques de leurs corps. L'arrivée des règles et les transformations de la puberté constituent un développement obligé de l'autobiographie féminine. (LECARME, 1999, p.95)

Acrescentam, contudo, que, se as mulheres são mais sensíveis aos meandros da intimidade, a transcrição dessas observações, de uma maneira geral, aflora ao texto igualmente de forma sinuosa: “périphrases pudiques, poétiques ou abstraites”. (LECARME, 1999, p.96) Não é o caso de Rutka que se olha e se descreve com despudor, através de um discurso de sinceridade pactuado entre ela e seu *alter ego* em forma de linguagem. A fórmula de polidez usada na interação funciona como um reforço na sinceridade do pacto, mas também poderia funcionar como função fática, como reconhecimento do diário como um outro eu inventado, outro corpo e alma com quem o diarista dialoga: “Até a próxima, meu pequeno diário.” (LASKIER, 2008, p.23).

Apesar do esforço de algumas instituições em tentar resgatar os nomes, e as narrativas existenciais de muitas das vítimas da Shoah⁵, – imprimindo-lhes, assim, um novo sopro de vida – tal como o trabalho que vem sendo realizado pelo Museu *Yad Vashem* em Jerusalém, grande número de histórias se perderam e, infelizmente, nunca saberemos de seus muitos risos, prantos e perplexidades. Rutka esteve a ponto de ser uma não-identidade a mais, um algarismo acrescentado à soma da perversa contabilidade do Nazismo, pois as reminiscências dessa garota nascida na Polônia em 1929 estiveram, durante um tempo impensável, no limiar do silêncio, zona de sombra. Por sessenta e cinco anos, sua história esteve escondida. A história dessa menina judia de quatorze anos foi recuperada graças à revelação da existência do seu diário, por uma amiga polonesa durante todas essas décadas. Ele havia sido escondido a pedido expresso da autora, que temia estar escrevendo em vão o depoimento endereçado ao futuro. Esse relato, mescla de narração-meditação, mostra-nos um lado que muitas vezes nos esquecemos de contar, já que nos preocupamos com o gigantesco número de mortos que a Shoah produziu. Se dez milhões de pessoas morreram exterminadas (sem contar

⁵ ‘Catástrofe’, em hebraico.

outros tantos que morreram em decorrência da Guerra), sendo seis milhões de judeus⁶, perdemos também milhões (ou talvez até mais) relatos e histórias individuais. Relatos de amor, de brigas, de sedução, de traição e de inúmeras comédias (ou tragicomédias) da vida privada.

A par do ímpeto demonstrado com relação à fruição dos prazeres, a adolescente deixa transparecer uma aguda consciência de sua imersão circunstancial na barbárie, facultando ao leitor mais uma prova de sua ânsia de sinceridade, quanto ao que lhe é dado viver e narrar, como no trecho seguinte em que se reporta à visão de uma cena assombrosa:

um soldado arrancar um bebê dos braços da mãe e, com toda força, estourar sua cabecinha contra um poste. Os miolos se espalharam, a mãe teve um ataque, eu descrevo isso como se fosse a coisa mais natural do mundo, como se eu fosse um militar acostumado às brutalidades da guerra e, no entanto, sou muito jovem, tenho catorze anos, não vi muitas coisas na vida e já estou tão indiferente. (LASKIER, 2008, p. 27-28)

Nesse mergulho autoinvestigativo, a juvenzinha deixa-nos um tópico de pesada reflexão: então é possível ser vítima e algoz ao mesmo tempo, a se considerar a indiferença como uma das máscaras da desumanização?

O diário, ainda que também calcado na possibilidade ficcional, pode ser encarado como um testemunho mais vivaz. Se o grande problema dos sobreviventes da Shoah é o acesso ao ‘real’ traumático da experiência vivida – memória que muitas vezes falha, inventa e ficcionaliza a História – essa modalidade de escrita se distancia um pouco desse problema. E a razão para tal reside exatamente num refinar do ajuste de ponteiros temporal, quer dizer, nele, o presente da narração flui numa quase concomitância com os eventos narrados. Isso particulariza o estatuto escritural desse gênero de relato, diferenciando-o de outros acervos de histórias ligadas ao passado, para cuja transformação em narrativa concorre a defasagem do tempo, responsável pelo *flou* das paisagens da memória. Embora consciente de que os acontecimentos de seu cotidiano findarão por constituir um repositório de lembranças, ironicamente, há uma passagem na narrativa em que ao relatar determinado episódio, Rutka expressa sua quase convicção de que não lhe será dado o direito ao resgate das nesgas de recordações que buscaria ao passado: “Vou tentar descrevê-lo para que, daqui a alguns anos, eu possa relembrá-lo. Evidentemente se não tiver sido deportada para os campos de morte.” (LASKIER, 2008, p.28) A circunstância irônica referida dá conta da tensão criada entre o vivido e o narrado, dela originando-se outra, a qual se pauta na negociação entre os discursos da Literatura e o da História. Aqui, neste diário de Rutka Laskier, a História é que deve buscar substratos para se acomodar aos relatos existenciais contados por uma personagem espectadora dos eventos. Quando a pequena narradora escreve, por exemplo, sobre a obrigação dos judeus de usarem a *judenstern*, ou sobre a vida no gueto e suas gradativas mudanças – primeiro, a ausência de muros, depois o emparedamento, pois Bedzin tornara-se uma prisão, e depois sua liquidação com a visita da *Ausrottungskommission* (comissão de extermínio) – buscamos fontes historiográficas para corroborar o testemunho *in loco* de Rutka. Neste sentido, portanto, estudamos a História da Shoah, a história de Rutka Laskier e discutimos também as controversas relações entre os judeus e seus *vizinhos* poloneses, mencionadas sutilmente nesse diário.

⁶ Esse número acaba de ser contestado em um artigo publicado pelos pesquisadores do *Holocaust Memorial Museum*. Eles catalogaram 42.500 guetos e campos na Europa e um total de 15 a 20 milhões de mortos.

Relembrar e recontar eventos passados, além de acessar a memória voluntária ou involuntária, são problemas vividos e discutidos pela Literatura de Testemunho. Aqui, no diário de Rutka, não há acesso involuntário a memórias, não há reconstrução traumática de eventos passados, não há perda de parentes e lacunas intransponíveis. Rutka Laskier morreu possivelmente em Auschwitz e o que temos aqui é um relato/testemunho de uma criança que, com quatorze anos, já nos mostra a realidade do gueto e da vida em Bedzin e que é totalmente responsável pelos seus próprios e confusos sentimentos.

Estudamos, portanto, esse peculiar diário. Diferente, por exemplo, do famoso e já bastante estudado *Diário de Anne Frank*. Rutka Laskier não vive escondida, não espera por nada e, bem diferente de Anne, está totalmente consciente do seu terrível destino. Mesmo assim a pequena deseja e precisa viver. Escreve de si para si, ciumentamente em seu diário, talvez, para não enlouquecer, para testemunhar, como desafogo catártico, como a sua forma de resistência, a resistência de uma época – o poder contar para outras gerações o princípio de mais uma das muitas histórias destruídas nas câmaras de gás.

2. Infância

“Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso da loucura”, sentenciava Riobaldo. Podemos perceber no diário de Rutka que ela criou para si uma forma de não enlouquecer diante dos terríveis acontecimentos e de seu futuro inexorável. “A tristeza toma conta de mim quando penso nas multidões destinadas à morte. Ah! Sim, aqui pode se enlouquecer quando se lembra de tudo” (LASKIER, 2008, p. 30) Assim, desejando o desejo de sentir desejo, Rutka cria uma relação amorosa com Janek e se vê despertar para a sexualidade em meio ao fim inexorável em Auschwitz. Sua relação com Janek e a turbulência de sentimentos da autora, misturam-se com os acontecimentos no gueto e com a esperança, ainda que utópica, de que alguma revolução aconteça. Rutka constantemente faz menção às notícias recebidas através de um enigmático Nica, figura emblemática no trânsito de informações sobre o iminente genocídio.

É possível tentar explicar o vulcão de sentimentos por que passa Rutka, através das teorias lacanianas sobre desejo e falta, assim interpretadas por Elisabeth Roudinesco:

Jacques Lacan conceituou a ideia de desejo em psicanálise a partir da tradição filosófica, para dela fazer a expressão de uma cobiça ou apetite que tendem a se satisfazer no absoluto, isto é, fora de qualquer realização de um anseio ou de uma propensão. Segundo essa concepção lacaniana, empregam-se em alemão a palavra *Begierde* e em inglês a palavra *desire* (desejo no sentido de desejo de um desejo) (ROUDINESCO, 1997, p.146)

Rutka não sobreviverá e seu desejo de desejar, a vontade de estar com Janek fora dos muros prisionais do é o anseio pelo absoluto, irrealizável e inalcançável. Os sentimentos da menina, no entanto, são dignos de serem analisados sob essa via, pois acomodam à perfeição o par desejo e falta de Lacan. Assim Rutka, começando a relatar seus sentimentos mais íntimos, faz a primeira menção a Janek:

E, amanhã, vou ter uma conversa séria com Janek; vou lhe dizer que se ele quer continuar a sair comigo, terá que ser pontual; caso contrário – *adiós!* Mas, obviamente, falarei de uma forma mais delicada. Ele me interessa tanto quanto a neve do ano passado... (LASKIER, 2008, p.21)

Antes, porém, de fazer referência a Janek pela primeira vez, Rutka faz menção ao momento que vivem “o quarto ano deste nosso inferno” (LASKIER, 2008, p.20). Lendo o *Golem*, de Meyrink, talvez queira evocar a combinatória cabalística para serem libertados desse inferno. No entanto, Rutka deixa bem claro a postura (familiar?) da corrente sionista, bundista e socialista de que faz parte. O misticismo e o culto ao livro, como forma religiosa, não fazem parte de sua criação. Assim, a única forma de se abster dessa realidade, é através dos próprios sentimentos e da sua relação com Janek que, a princípio, lhe desperta um pequeno interesse. Amizade e amor? “As pessoas têm pensamentos muito antiquados sobre a amizade entre garoto e uma garota. Não conseguem se adaptar ao novo mundo” (LASKIER, 2008, p.24). O mundo novo a que se refere Rutka, não é o mundo que persegue judeus e os coloca em guetos. Não é o mundo da Guerra e da intolerância, mas sim o seu mundo interior, o seu novo mundo criado, que ama e sente falta: “Janek não veio de novo...” (LASKIER, 2008, p.24). As notícias e os acontecimentos fora do gueto perpassam a realidade. Como imaginar que a quase totalidade da população da Polônia será *removida e transportada* para Auschwitz? Como ter consciência plena, ainda mais uma criança de quatorze anos, de que existem câmaras de gás? Mas, diante desse pânico do quase inconcebível, Rutka volta aos seus sentimentos de dúvidas, desejos, medos e faltas. Rutka deseja o desejo de Janek, que não cessa e não atinge o absoluto, como postula Lacan. Desta forma Rutka descreve seus confusos sentimentos de desejo:

No meio da conversa, sem mais nem menos, ele (Janek) disse que sentiria muito prazer caso pudesse me beijar. Respondi: “É uma possibilidade” e continuei a falar. Ele ficou um pouco confuso; pensara que eu era uma Tusia ou então uma Hala Zelinger. Eu só permitiria ser beijada por alguém a quem amasse, e Janek me é totalmente indiferente. (...) Quando descíamos as escadas eu perguntei se beijar é algo realmente prazeroso e que estava curiosa de saber que gosto tinha isso (o que era a mais absoluta verdade). Aí ele começou a rir (e o seu riso é muito cativante, tenho que admitir isto) e disse que ele também estava curioso. Pode ser. Mas não deixarei que me beije. Temo destruir algo muito belo, muito puro... Temo ficar um dia terrivelmente decepcionada (LASKIER, 2008, p.31).

O desejo aumenta à medida que é sentida a falta. Além disso, o fim se aproxima e é preciso viver, sentir, tentar algo em meio à confusão de sentimentos. A dúvida em relação ao sumiço de Janek, assim como a dúvida em relação às ações de Nica, confundem Rutka: “finalmente consegui me comunicar com Nica. Hoje, às cinco e quinze, na casa de Jumeck, e estou contente não só porque ‘ela vai estar lá’, mas também um pouco pela perspectiva de ver Janek. É estranho que, quanto menos o vejo, mais gosto dele” (LASKIER, 2008, p.33). Quanto menos esperança do futuro, mais presa aos próprios sentimentos a menina fica.

Rutka também é capaz de odiar o que faz parte do luto que está vivendo, mas se autoengana:

Pois apesar de todas as atrocidades a gente quer viver, aguardar o amanhã, o que agora significa Oswiecim ou um campo de trabalhos forçados. (...) Estou desesperada por ter sido tola no que se refere a Janek. É como se uma venda tivesse caído dos meus olhos. Vislumbrei, assim, sem conversar e nem o ver: ele é um tipo nojento, daqueles que assassinam com luvas brancas. Para completar o quadro, ele não é inteligente. (...) É muito falso (...) um cão asqueroso. (...) Rutka, por que você tenta se convencer de que não o suporta? (LASKIER, 2008, p.34)

Assim desiste de tentar entender, de pensar no seu amor e no seu futuro no gueto (para manter a sanidade?). Mas em seu íntimo sente e quer viver seu amor. “Tento me persuadir de que não sinto nada por Janek e, no entanto, sinto saudades dele e, algumas vezes, sofro por não vê-lo ou não ouvir sua fala” (LASKIER, 2008, p.38). Ela quer descobrir um sentimento novo, diferente, único e que talvez não tenha tempo de viver: “eu decidira não pensar mais nele, mas ele se impõe permanentemente em meus pensamentos. Será que estou realmente tão enamorada dele? Será que é isto o que chamam de amor?” (LASKIER, 2008, p.40).

Qual o lugar ocupado pelo amor no discurso dos amantes, em especial por uma criança no gueto? O mito do amor, que promete a felicidade plena, utiliza a ideia de se afastar do impossível, do real lacaniano, transformando-o em proibido. Sigmund Freud já escrevera que é o próprio amor que funciona como modelo pela busca da felicidade plena. Dessa forma Freud reconhece a natureza ilusória do amor agindo como consolo e tendendo a tornar tolerável o mal-estar próprio do desejo humano. Assim encontramos o amor em Rutka – esse consolo para tornar tolerável o mal-estar do seu próprio desejo.

Ao sentir que perdeu seu amor, a adolescente deseja mais ainda a ilusão do amor que está situada no encontro sempre faltoso do próprio sujeito com a sexualidade. A demanda pelo outro é a demanda da demanda de amor, segundo Lacan: “através da ideia hegeliana de reconhecimento, Lacan introduziu, entre 1953 e 1957, um terceiro termo, ao qual deu o nome de demanda. Essa é endereçada a outrem e, aparentemente, incide sobre um objeto. Mas esse objeto é inessencial, porquanto a demanda é demanda de amor” (ROUDINESCO, 1997, p.147) “Sim, Janek, eu me apaixonei por você, mas cometi um erro imperdoável: me apaixonei no momento que você se afastou... Quero crer que você também me ama, mas é por demais orgulhoso para voltar. (...) Oh, Janek, seu tolinho. Você ainda vai voltar para mim. R” (LASKIER, 2008, p.40). Portanto o amor, assim como o desejo é invenção? Essa invenção é criada para ludibriar os acontecimentos terríveis que se passam? Inventa para viver? “Parece que endoidei de vez. Acordei hoje de manhã e constatei que não me sobrou nem uma dose de afeição por Janek. Tudo indica que eu mesma tentei me convencer daquilo, assim como o fiz com todos os outros antes dele” (LASKIER, 2008, p.40).

Escrever sobre o desejo, sobre assuntos pessoais, é uma forma de fugir de Auschwitz, e tentar levar uma vida *normal*:

Esforço-me para fugir destes pensamentos sobre o amanhã... No entanto, eles sempre retornam, como moscas importunas. Se fosse possível dizer: ‘Que se dane, só se morre uma vez...’ Mas é impossível, pois apesar de todas estas atrocidades, a gente quer viver, aguardo o amanhã. (...) Tenho que não pensar nisto e começo a escrever sobre assuntos pessoais. (LASKIER, 2008, p.34).

Mais uma história de amor? Mais um relato individual? Sim e não. Sim, pois nenhum dos sentimentos aqui é inédito. Não, porque o diário encontrado é uma preciosidade histórica e individual dos sentimentos de uma criança, em pleno gueto, e consciente da morte, revelando sua intimidade. Essa pequena análise do amor, desejo e falta em Rutka, não muito audaciosa, mostra, somente, umas das milhões de histórias de que a Shoah nos privou.

3. Resistência e testemunho

Primo Levi escreveu diversas vezes em seus livros sobre seus terríveis dias, em Auschwitz, sempre iguais, banais, esperando que algo acontecesse, mesmo que fosse a

chegada do fim. Rutka também escreveu sobre isso: “já estou cansada dessa vida, os dias são sempre iguais” (LASKIER, 2008, p.41).

Mas é necessário não perder o controle, perder o controle é virar um *muçulmano* ou entregar-se ao destino certo. “O que está acontecendo com você, Rutka? Você não está mais conseguindo se controlar? Isto é muito ruim. É preciso manter o autocontrole e não molhar mais os travesseiros à noite com suas lágrimas. Por quem e pelo que você chora?” (LASKIER, 2008, p.39).

A maioria dos judeus apenas esperou? Entregou-se ao destino? Como os judeus enfrentaram a Shoah? Quais foram suas formas de resistência? Lutaram de fato contra o próprio fim nas câmaras de gás? Viver em companhia da monotonia. Em ponto pequeno, as indagações também cabem na biografia da adolescente polonesa: ela se admoesta pela falta de autocontrole, referendando o não ao *pathos*, que representaria desmentido da crença utópica na salvação de seu povo.

Essas perguntas são recorrentes e muita discussão se faz em torno delas. Muitos atribuem certa culpa aos próprios judeus por não terem resistido e enfrentado os alemães. Um aglomerado gigantesco de judeus contra um número muito menor de alemães, como deixaram se matar? Além disso, a própria figura do testemunho é polêmica. Inicialmente condenada e hoje cultuada, outrora despertou o descrédito; hoje desperta a admiração. O fim da Shoah e a imigração ilegal de judeus para a Palestina (devido ao *Livro Branco* da Grã-Bretanha), além das inacreditáveis notícias do que se passou na Segunda Guerra, calou muitos testemunhos. A tentativa de se criar o Estado de Israel descartou, inicialmente, a existência dos sobreviventes já que muitos não entendiam ou não acreditavam no que de fato se passou. Os judeus que não participaram da Shoah tachavam os judeus, com as tatuagens no antebraço, como fracos (que se tinham deixado abater) ou como colaboracionistas do Nazismo (se não, como ter sobrevivido?)⁷. O Estado de Israel queria ser forte, ao ser criado, com combatentes e pessoas que pudessem lutar, assim imaginava Ben Gurion. Por isso, ele arquitetou a era vindoura e escolheu os novos cidadãos do futuro Estado de Israel.

Ben Gurion, o primeiro Primeiro Ministro de Israel, sionista, negava a Shoah e a diáspora. Com o intuito de criar um Estado forte, escolheu o Hebraico como língua oficial, desprezando o Ídiche. Porém, com a chegada de 70.000 sobreviventes à Palestina entre os anos de 1945 a 1948, a discussão acerca da memória da Shoah começou a aparecer lentamente na sociedade, nas associações criadas pelos sobreviventes e nas escolas.

Assim escreve Marek Halter, sobrevivente do gueto de Vársovia e criador do Comitê Internacional em prol de um Acordo de Paz Negociada no Oriente Médio, no posfácio ao diário: “Povo estranho, o único a se agarrar de tal forma a um livro, acreditando até o fim que ele os protegerá do naufrágio, apesar dos sinais evidentes de tempestade” (HALTER apud LASKIER, 2008, p.57). Portanto, de acordo com a narrativa sionista, a Shoah era uma derrota para os judeus – esses judeus desfibrados que se deixaram aniquilar esperando uma ajuda divina – e devia ser esquecida para se

⁷ De acordo com o pesquisador do *Yad Vashem* Avraham Milgram e com os escritores Aharon Appelfeld e Ruth Bondy, os sobreviventes que chegavam a Israel eram abordados e indagados em diversos lugares, com perguntas, diversas perguntas. Queriam saber como tinham sobrevivido, por que só eles sobreviveram e não outros e o que foram capazes de fazer para viver. Perguntas constrangedoras e, muitas vezes, culpando-os por algo que não tinham feito. A própria escritora, tradutora e jornalista Ruth Bondi, que sobreviveu ao gueto de Terezin e aos campos de Auschwitz e Bergen-Belsen, com o intuito de resolver essa questão, fez uma pequena cirurgia, dois anos após chegar a Israel, e apagou a sua tatuagem do número de Auschwitz.

começar uma época heroica. Em Israel, nos anos 50, enfatizava-se o heroísmo do gueto de Varsóvia e não se falava sobre Auschwitz. Ainda não existia a ideia clara de resistência espiritual, postulada depois do entendimento (ou da tentativa) do que se passou em Auschwitz, como comenta Marek, enfocando a mentalidade judaica da época:

O único poder digno de admiração era o poder do espírito. Esses judeus, das aldeias ou das cidades, prioritariamente dedicados ao estudo da Bíblia e do Talmud, ávidos pelo saber, ignoravam e desprezavam a violência. Esta foi, sem dúvida alguma, uma das razões pela qual os judeus de Bedzin não se sublevaram e a revolta do gueto de Varsóvia foi tão tardia (HALTER apud LASKIER, 2008, p.58).

Entretanto, a grande mudança em relação à memória da Shoah ocorreu em 1961 com o julgamento de Adolf Eichmann. As testemunhas, até então caladas, foram convidadas a falar. A falar para todo mundo tudo o que passaram. Os jovens finalmente ouviram e começaram a acreditar no que de fato tinha acontecido. Essa catarse coletiva foi unificadora e, a partir daquele momento, Auschwitz e todo o sentimento por trás desse símbolo da crueldade humana, passariam a representar o sentimento judeu, mesmo diante da diversidade cultural judaica. A mentalidade mudaria, portanto. Auschwitz, mesmo sem ter tido uma revolta grandiosa como a do gueto de Varsóvia, passaria a ser considerado um marco da resistência espiritual do povo judeu. Os pequenos heroísmos como a ajuda mútua entre as pessoas que viviam nos Campos, o contrabando de comida, o toque do *shofar* em todo *Yom Kipur*, seriam também identificados como forma de resistência e não mais, somente, a luta armada.

Dessa forma o testemunho de Rutka é significativo hoje. Mostra e atesta que a importância dos gestos não se ampara unicamente na grandiloquência – a história dos anônimos compõe o substrato da História, assim como do caderno de anotações de segredos de uma adolescente podem resvalar interrogações irrespondíveis.

E as formas de resistência dos judeus, como seriam? Sabemos que eles, assim como a cultura milenar judaica, sobreviveram. Mesmo sendo perseguidos, dizimados, exorcizados e sempre em diásporas, conseguiram sobreviver e manter seus aspectos culturais como nenhum outro povo. Como o conseguiram? De acordo com Marek existiram três formas de resistência.

A primeira delas é através da palavra, do verbo, da esperança em alcançar a solução óbvia. Mostrar que todos os povos são iguais e que o ódio nazista não tinha razão de existir diante dos judeus:

Na Varsóvia de 1940 o gueto se tornou um dos maiores “cemitérios de gente viva” da História, reservado a um povo condenado ao desaparecimento. Resultou daí uma espécie de curiosidade antropológica que fez com que numerosos nazistas visitassem o gueto, num intenso movimento turístico. Soldados e oficiais munidos de câmaras fotográficas vinham, muitas vezes acompanhados de suas famílias, para ver de perto como viviam os “sub-homens”.

Os judeus não desanimaram nem mesmo diante de tanto cinismo e de tanta ignorância. Eles ingressaram naquilo que eu consideraria “a primeira fase da resistência”, a da palavra. Era possível ver alguns pequenos grupos de língua alemã que ousavam se aproximar de seus carrascos e falar com eles. É possível imaginar a dose de coragem e de dedicação requerida para um exercício dessa natureza? Opor o verbo à violência. Esse era o plano deles, a esperança deles (HALTER apud LASKIER, 2008, p.60).

A segunda fase seria a do testemunho, que até hoje existe e é idealizada e cultuada de outra forma. No filme Shoah de Lanzmann, por exemplo, um dos momentos mais marcantes é a entrevista com Jan Kaski, que a convite de movimentos sionistas, visitou o gueto de Varsóvia e teve como missão reportar a Roosevelt o que estava acontecendo para uma possível intervenção militar. Documentos, fotos, e a presença física de um testemunho constituíram uma forma de resistir.

Seis meses depois, um decreto especial de Himmler interditava o acesso do gueto aos soldados alemães. Privados dos interlocutores, os judeus passaram então à segunda fase da resistência: o testemunho. O historiador Emmanuel Ringelbaum (...) relatou em seu diário que se sabendo condenados e, apesar da fome que os atormentava, seus companheiros de infortúnio conseguiram reunir forças suficientes para reunir todos os documentos que circulavam no gueto. Eles os remeteriam para ele, a fim de que a história pudesse continuar a ser escrita, para que o mal da história não fosse apagado pela História. Esse afincamento em romper o silêncio, o silêncio que lhes havia sido imposto, é a prova de rara audácia e de uma não menos rara inteligência, bem como da arguta consciência que esses homens e mulheres tinham da sua responsabilidade para com as gerações futuras (HALTER apud LASKIER, 2008, p.60).

A resistência pela palavra, pelo testemunho e pela inteligência não foi bem sucedida, se levarmos em conta a existência e a eficácia dos Campos de Extermínio. Então, lutando contra o fim, houve finalmente o famoso Levante do gueto de Varsóvia, onde todos os jovens morreram, mas resistiram como nunca antes:

Essa resistência em três patamares, o terceiro dos quais, o da violência, só sendo acessível depois de ter passado pelos dois primeiros, é, para mim, a mais prodigiosa, a mais perturbadora e a mais moral das lições. O gueto de Varsóvia permanece, sem dúvida, como o símbolo da revolta armada judaica contra o nazismo. Mas é, antes de tudo, o símbolo da resistência judaica à opressão, à perseguição e à morte, tal como foi concebida e praticada por sucessivas gerações ao longo dos séculos (HALTER apud LASKIER, 2008, p.61).

4. Vizinhos

A História e relação entre a Polônia e os judeus é uma das mais interessantes e controversas questões que ainda persistem em nossa contemporaneidade. Desde a criação desse país no século X, aproximadamente em 966, já existem relatos de viajantes e geógrafos atestando a existência de comunidades judaicas naquela região.

Ao longo desses muitos anos, os judeus foram algumas vezes convidados para integrar as comunidades da Polônia e outras vezes encontraram refúgio neste país, quando foram perseguidos. O fato é que sempre exerceram grande influência na cultura e na construção desse Estado. Antes da Guerra, a Polônia tinha a segunda maior comunidade judaica do mundo, atrás somente dos EUA. Em 1897 na cidade de Rutka, Bedzin, por exemplo, 80% da população era judia. Já em 1939, a população judia era de 45%, cifra correspondente a um número ainda muito elevado. (SENTIS, 2008, p.43)

Durante a Shoah, a quase totalidade dos judeus que lá viviam foi levada para Auschwitz, lugar bem próximo dali. Neste período aparece a figura importante e memorável dos *The Righteous Among the Nations* (*Justos entre as nações*). Segundo o site do *Yad Vashem*, a população que mais salvou judeus foi a população polonesa⁸.

⁸ Segundo o site, existem 6339 *Justos entre as Nações* na Polônia.

A Polônia, no entanto, mesmo após a Shoah, ainda produziu *pogroms*. Os judeus sobreviventes que tentaram voltar a suas casas ainda foram perseguidos e mortos. Injustamente suspeitos por mais um assassinato ritual, em 4 de julho de 1946, na cidade de Kielce, quarenta e dois judeus sobreviventes da Shoah foram mortos e, mais de oitenta, feridos. Essa mistura contemporânea de sentimentos, influência e antissemitismo são descritos por Marek:

Hoje, na Polônia, muitos afirmam que eles não sabiam de nada na época. Talvez. Mas e depois da guerra? Como explicar a atitude dos poloneses contra os sobreviventes que, como nós, retornaram em 1946 para suas aldeias e suas cidades? Estas manifestações de ódio queriam dar cabo das últimas testemunhas da própria covardia deles? Não conseguiram. Os judeus faziam, e continuam fazendo, parte de sua memória. Eles não podiam – e ainda não podem – apagar os judeus de seus livros de história, sem apagar toda a história da Polônia. (HALTER apud LASKIER, 2008, p.81-82).

Após essas ondas de perseguição e com a Shoah que dizimou a população judaica da Polônia, quase não existem judeus por lá. Estima-se que restem apenas entre mil e cinco mil judeus na antiga *Yiddishland*⁹.

Devido à importância judaica na Polônia, o atual governo polonês, por iniciativa própria, começou a construir símbolos e instalações com o intuito, talvez, de prestar homenagem ou atrair e incentivar o turismo. Há um projeto, por exemplo, para a construção do Museu de História Judaica em Varsóvia.

Pesquisadores e historiadores da região sugerem que os poloneses foram tão vítimas dos nazistas (já que 20% de sua população morreu na guerra) quanto os judeus e, através dessas medidas, querem estreitar os laços com os judeus e limpar a sua participação na história. Apesar de todas essas medidas para redimir a memória polonesa, em 2001, o pesquisador e professor da Universidade de Princeton Jan Gros, publica o livro *Vizinhos* que conta a história das relações e dos sentimentos entre poloneses e judeus. O livro levantou novamente a discussão sobre a verdadeira participação dos poloneses na ajuda ao governo nazista.

Neste livro são narrados três terríveis *pogroms* que aconteceram em 1941 nas cidades polonesas de Radzilow, Wasosz, Jedwabne. Nesta última, metade da população (cerca de 1600 pessoas) matou com crueldade a outra metade da população que era judia. Apesar da ocupação nazista e da existência de Campos de Concentração, não houve surpreendentemente a participação nazista nesse assassinato em massa. Apenas os vizinhos dos judeus resolveram, com suas próprias mãos, e motivados pelas perseguições, assassinatos e desaparecimentos em toda Europa, dar fim a essa inconveniente presença.

Talvez esse tenebroso ato dos vizinhos seja muito bem descrito por Paul Valéry ao argumentar sobre a inutilidade contemporânea da própria figura do demônio: “*Mefisto*: No final das contas, pode ser que não sirva mais para nada. Eu fui construído sobre uma ideia errada (...), segundo a qual as pessoas não são malvadas o suficiente para se perderem sozinhas, com seus próprios meios” (VALÉRY apud SELIGMANN-SILVA, 2010, p.12). Quem eram essas pessoas que em 1941 se perderam sozinhas e mataram seus vizinhos? Pessoas normais que o fizeram com a ajuda dos seus próprios filhos e amigos usando ferramentas rudimentares como enxadas, pás e fogo. Infelizmente a realidade é mais cruel, como escreveu William Vollman: “como seria

⁹ Nome utilizado por Sentis, 2008. Esse número é muito discutido. Segundo os pesquisadores do *Yad Vashem* há menos de mil judeus por lá. Já, segundo autoridades polonesas, estima-se que existem quase cinco mil judeus vivendo na Polônia.

conveniente saber que os cidadãos do Terceiro Reich eram, de alguma forma, extremamente maus por natureza, demônios condenados – em outras palavras, diferente de nós. O caso atual, naturalmente, é muito mais terrível” (VOLLMAN, 2009, p.9).

A polêmica é grande: colaboracionistas ou *justos entre as nações*? Nazistas ou heróis? Com doses de crueldade e perversidade, e com a participação de pessoas de todas as idades, os próprios vizinhos dos judeus incendiaram casas, mataram crianças e adultos com as próprias mãos e queimaram vivas as esperanças de todos os judeus que lá viviam. Segundo os estudos do pesquisador, não houve a participação de nenhum alemão nesse *pogrom*: os alemães não matavam com as próprias mãos grandes comunidades judaicas, elas eram levadas a Campos de Extermínio¹⁰.

Ao se reportar a situações estereotipadas da vida no gueto de Bedzin, Rutka assinala: “Isso soa como uma história de carochinha e os que não a presenciaram não irão acreditar; mas não é uma história e sim a mais pura verdade.” (LASKIER, 2008, p.28). Essa dimensão ‘meta’ do relato revela cruamente a dureza dos fatos, até porque se anula dessa história de carochinha macabra toda a potência da força anímica das narrações de carochinha de verdade, configurada nos “e depois”. A penosa saga dos judeus na Polônia, por sua vez, suscita um entrosamento entre Literatura e História, apontando para a desconstrução de ordens de grandeza, na medida em que o Diário, texto afeito ao mínimo, ao pessoal, e até mesmo ao íntimo, pode servir de contraponto e farol à leitura monumentalizante típica do relato histórico.

Por sessenta e cinco anos a história de Rutka esteve escondida. A história de uma menina que ansiava viver e amar foi recuperada graças à revelação do seu diário, em 2007, guardado por uma amiga polonesa durante todos esses anos. Esse diário nos mostra um lado que muitas vezes esquecemos de contar, já que nos preocupamos com os números gigantescos de mortos que a Shoah produziu. Aqui, em meio ao terror e próximo ao inferno que uma vez ficou conhecido como Auschwitz/Birkenau, uma criança, madura para sua idade, relata comoventemente sua ânsia por viver, amar e sentir tudo, de todas as maneiras, que se acabou infelizmente nas câmaras de gás.

Lembrar a pequena Rutka hoje é não deixar triunfar o sonho nazista do *memoricídio*. É homenagear individualmente os milhões que desapareceram. Dessa forma, devemos resgatar a memória perdida, para que os mortos não sejam esquecidos, como escreveu Walter Benjamin: “o dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (BENJAMIM, 1985, p.224).

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*, v. I, Magia e técnica, arte e política, trad. S.P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.

¹⁰ Os judeus das comunidades do Norte da África (Tunísia, Marrocos, Argélia), perseguidos e colocados em campos de detenção, não foram mortos na África. Quando desejavam, os nazistas os transportavam para campos de extermínio na Europa. Segundo United States Holocaust Memorial Museum: <http://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007312>

HALTER, Marek, “Os Judeus e a Polônia”. Posfácio. In: Laskier, Rutka. *O diário de Rutka*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

LECARME, Jacques, Lecarme-Tabone, Éliane. *L'Autobiographie*. 2^{ème}. éd. Paris: Armand Colin, 1999.

LASKIER, Rutka. *O diário de Rutka*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth; Plon, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro; Luci Magalhães, 1997.

SULEIMAN, Susan Rubin. “Orphans of the Shoah and Jewish Identity in France”. In: Article to appear in a volume on *Jews in France, France and the Jews, 1945-1955*, edited by Steven Katz, 2012.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A cultura ou a sublime Guerra entre amor e morte”. IN: FREUD, Sigmund. *O mal estar na cultura*. São Paulo: LP&M, 2010.

SENTIS, Georges. *Rutka Laskier et Regina Bulwik: notre vie dans le ghetto de Bedzin (1939-1943)*. Lille: Éditions Marxismes, 2008.

VOLLMAN, William. “Seeing eye to eye”. William Vollman on The Ethics of Photography. IN: *Bookforum*, Fev/Mar. 2009.

Recebido em: 03/10/2013

Aceito em: 09/11/2013

Publicado em: 23/12/2013

RUTKA'S NOTEBOOK – CHILDHOOD, MEMORIES, SOUVENIRS

Abstract: *This article discusses literature as a space of remembrance; space in which traces of the past, residues, vestiges and testimonies embody themselves, through the words, creating a potential dialogue with history. We therefore intend to define how these two instances of perception of the world try, from the account of the war diary of a teenager, to unveil the real and the true events, marked by barbarism, and how they have reached following generations.*

Keywords: *Rutka Laskier; Diary; Desire; Poland; Shoah.*